

O setor florestal em 2011 - Foi um ano bom ou ruim? E 2012?

O ano de 2011 foi marcado por apreensão e ansiedade dos empresários do setor florestal, principalmente devido a aspectos como as direções a serem indicadas pela aprovação ou não do Código Florestal e os desdobramentos da crise que afetou os Estados Unidos e Europa e suas consequências para os negócios brasileiros. De modo geral, as surpresas e expectativas geradas a cada evento divulgado nos noticiários tendem a colocar os setores da economia, dentre eles, o florestal, em estado latente, uma vez que os tomadores de decisão não se sentem confortáveis para assumir riscos e investimentos que demandem relativo prazo para se concretizarem. Portanto, o estresse e apreensão, geralmente, causam alerta e estagnação, com as empresas tomando mais medidas remediativas e protecionistas do que medidas proativas ou de investimento em expansão de negócios. Considerando este cenário geral de estagnação, de modo geral, pode-se notar que o ano foi razoável para o setor florestal.

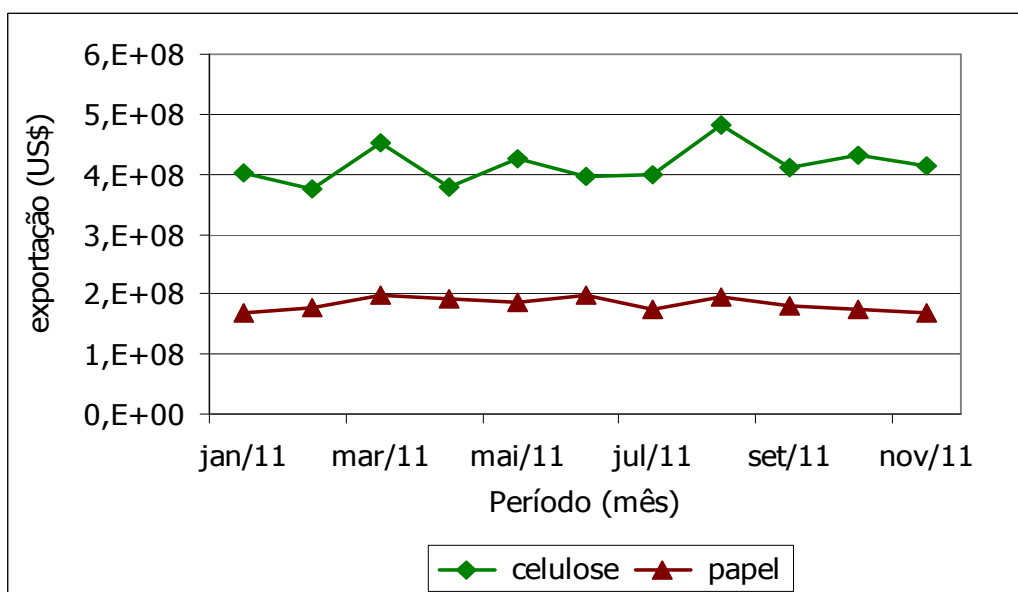
A conjuntura de dezembro de 2011 do Centro de Inteligência em Florestas procura analisar o desempenho do setor florestal ao longo desse ano, sinalizando possíveis contextos futuros para os seus negócios.

Segmento de Celulose e Papel

No segmento de celulose e papel, de janeiro a novembro de 2011, foi observado um crescimento pouco significativo de 1,14% e de 0,28% no valor das exportações brasileiras de celulose e papel, respectivamente, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e comércio (MDIC) (Figura 1).

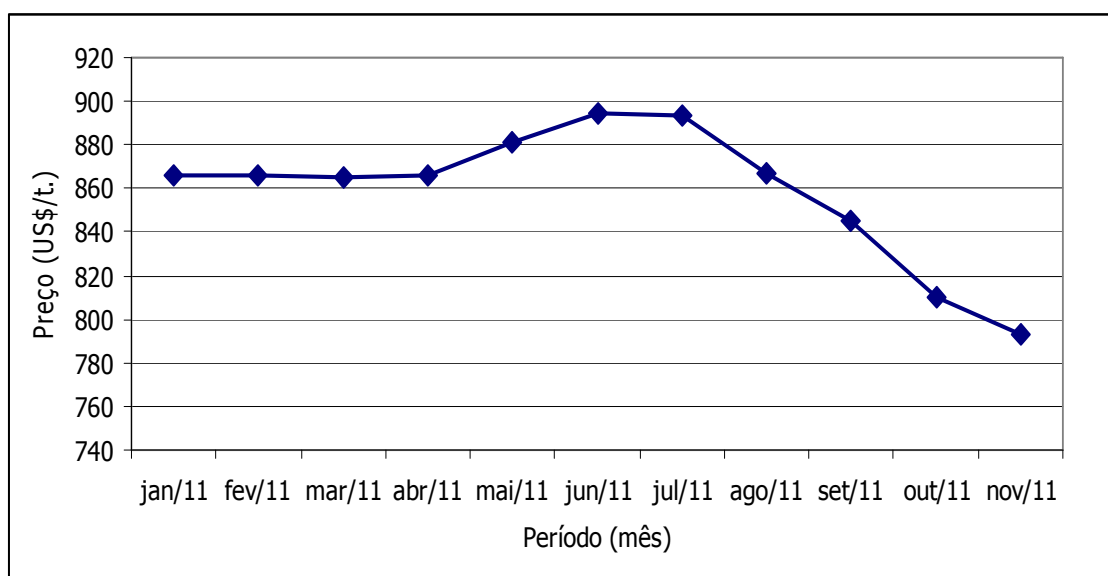
A produção da indústria brasileira de celulose e papel deve manter o mesmo nível de produção que em 2010, ou seja, 14, 2 milhões de toneladas de celulose e 9,8 milhões de toneladas de papel (BRACELPA, 2011).

Com relação aos preços da celulose, estes apresentaram redução de 0,2% ao mês no período de janeiro de 2011 a novembro de 2011 (Figura 2). Esta redução não foi maior devido a um período de aumento dos preços de abril a junho de 2011 (CEPEA, 2011).



Fonte: MDIC (2011)

Figura 1 – Valor das exportações brasileiras de celulose e papel, janeiro de 2011 a novembro de 2011, em US\$.



Fonte: CEPEA (vários números)

Figura 2 – Preços da celulose de fibra curta, em São Paulo, janeiro de 2011 a novembro de 2011, em US\$/t.

Considerando a maturação de investimentos no setor no ano de 2012, é esperado aumento de produção de celulose. No entanto, segundo previsões do mercado, as exportações e preços poderão ser prejudicados devido a provável recessão no mercado mundial.

Além disso, é importante ressaltar, mais uma vez, que o segmento está perdendo mercado para produtos chineses que entram no Brasil com *dumping* ou de forma fraudulenta. Adicionalmente, o câmbio desfavorável às exportações tem gerado perda de receita para o setor.

Segmento de Madeira Processada

Para o segmento de madeira processada, 2011 foi um ano razoável. De janeiro a novembro, as exportações totalizaram US\$1.725 milhões, apenas 1,1% menor que igual período do ano passado. As importações totalizaram US\$160 milhões e foram 33% superiores que o mesmo período de 2010, em virtude do câmbio favorável, entre outros fatores. Até novembro deste ano, o saldo acumulado da balança comercial foi de US\$1.565 milhões, apenas 3,7% menor que igual período do ano passado; portanto, pode-se considerar que o segmento conseguiu manter-se sem grandes perdas este ano (Tabela 1).

Tabela 1 – Balança comercial brasileira para madeira e derivados (capítulo 44) de janeiro a outubro de 2010 e 2011, em 1000 US\$

Mês	2011			2010			Variação % entre anos		
	Exp.	Imp.	Saldo	Exp.	Imp.	Saldo	Exp.	Imp.	Saldo
Fev.	151.265	13.293	137.972	141.550	8.239	133.311	6,9	61,3	3,5
Mar.	173.645	13.110	160.535	169.801	11.759	158.042	2,3	11,5	1,6
Abr.	150.836	13.292	137.545	159.113	10.498	148.615	-5,2	26,6	-7,4
Mai.	175.258	14.930	160.328	173.477	9.640	163.837	1,0	54,9	-2,1
Jun.	164.813	14.045	150.767	159.807	11.912	147.895	3,1	17,9	1,9
Jul.	142.604	14.092	128.512	177.307	12.179	165.128	-19,6	15,7	-22,2
Ago.	166.473	19.933	146.541	169.310	11.841	157.468	-1,7	68,3	-6,9
Set.	155.263	17.067	138.196	157.246	12.718	144.528	-1,3	34,2	-4,4
Out.	152.494	13.101	139.393	165.189	12.370	152.819	-7,7	5,9	-8,8
Nov.	154.200	17.107	137.092	156.970	11.694	145.276	-1,8	46,3	-5,6
Total	1.725.797	160.621	1.565.176	1.744.848	120.200	1.624.648	-1,1	33,6	-3,7

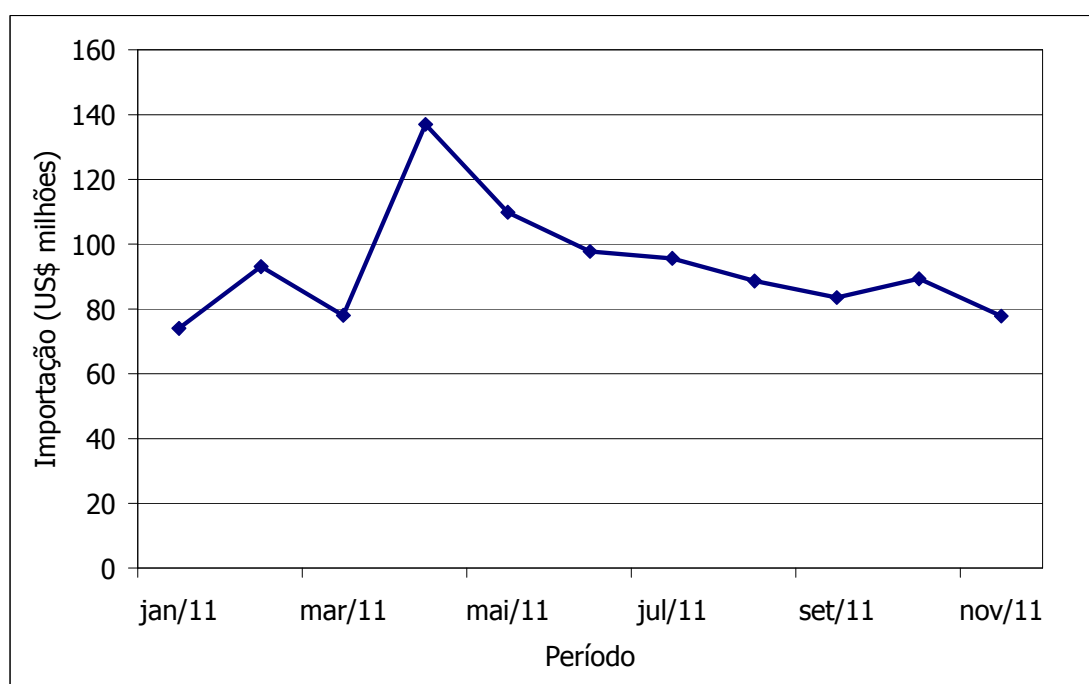
Fonte: MDIC, elaborado pela equipe do CI Florestas

Em relação às perspectivas futuras para o segmento, destaca-se o risco de ocorrência de um “apagão” florestal que pode comprometer a execução de futuros projetos fabris de celulose e papel, painéis de madeira e energia renovável no país.

Conforme estudo da Pöyry Silviconsult, até 2020, haverá déficit de no mínimo 1,3 milhões de hectares de florestas plantadas para abastecer projetos de expansão ou novas fábricas previstas por companhias de celulose, papel, painéis reconstituídos, biomassa, carvão, madeira serrada e laminados (Valor Econômico). Por sua vez, as crises da Europa e dos EUA poderão afetar indiretamente o Brasil, caso a China reduza as suas importações de produtos madeireiros, como consequência da redução de suas exportações de produtos florestais para os países em crise.

Produtos Florestais Não-Madeireiros

No mercado de produtos florestais não-madeireiros, as importações brasileiras de borracha natural tiveram um aumento de 33,5%, em termos de valor, de janeiro a novembro de 2011, o que pode ser explicado pelos elevados valores de importação observados entre março e junho desse ano (MDIC, 2011) (Figura 3).

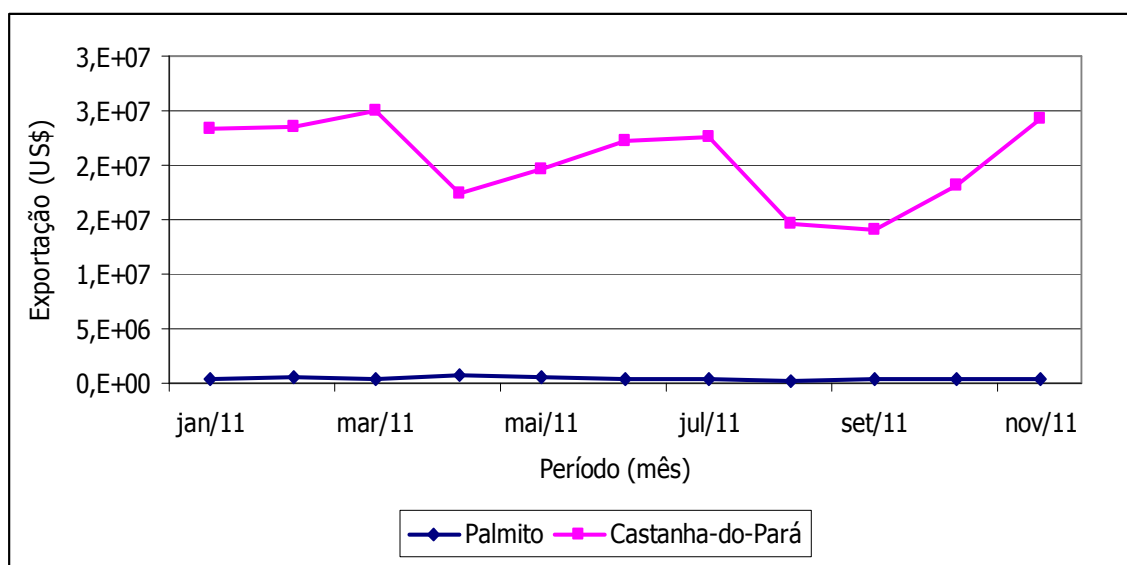


Fonte: MDIC (2011)

Figura 3 – Valor das importações brasileiras de borracha natural, de janeiro a novembro de 2011, US\$.

No acumulado do ano, as importações do elastômero natural já ultrapassaram a marca de US\$ 1 bilhão, configurando um novo recorde histórico. O aumento de 40,8%, para US\$ 1,024 bilhão, na compra do elastômero importado deve provocar aumento

dos preços dos produtos derivados desta matéria-prima. No período foram importadas 217,0 mil toneladas; queda de 10,8% em relação ao acumulado nos 11 meses de 2010. As exportações de palmito e castanha-do-brasil, produtos florestais não-madeireiros mais exportados pelo Brasil, mantiveram-se no mesmo patamar do ano anterior. No entanto, no caso da castanha-do-brasil, houve flutuações durante o ano de 2011 e no palmito as exportações se mantiveram estáveis (Figura 4) (MDIC, 2011).



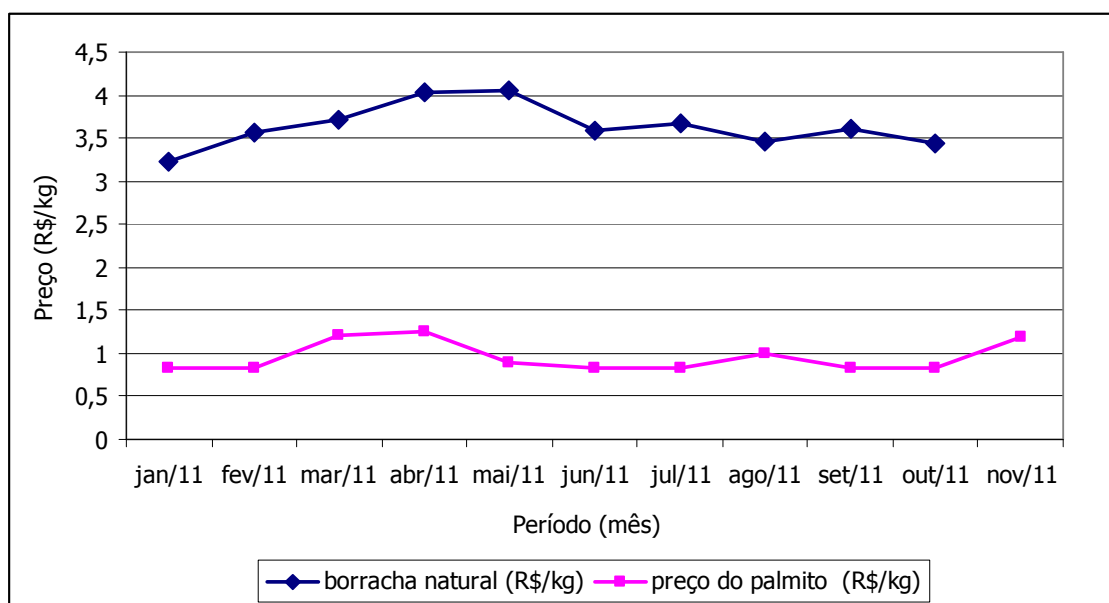
Fonte: MDIC (2011)

Figura 4 – Exportações de palmito e castanha-do-brasil, em US\$, de janeiro a novembro de 2011.

Em relação aos preços, observou aumento de 20% e 56% no preço da borracha natural e do palmito em São Paulo, respectivamente, entre janeiro e novembro de 2011 (Figura 5).

Apesar do aumento do valor das importações de borracha natural, as cotações no mercado físico da Malásia registraram quedas sucessivas de 2,3%, 9,3% e 17,5% em setembro, outubro e novembro, respectivamente. A onda de queda é reflexo da menor demanda da indústria, causada pelo temor de recessão das principais economias a partir da crise na Zona do Euro, que pode afetar fortemente os Estados Unidos e a China.

Considerando as incertezas para o futuro da economia global, é temerário fazer quaisquer previsões sobre os rumos do mercado dos produtos florestais não-madeireiros.



Fonte: IEA (2011)

Figura 5 – Preços da borracha natural e do palmito em São Paulo, entre janeiro a novembro de 2011.

Segmento Moveleiro

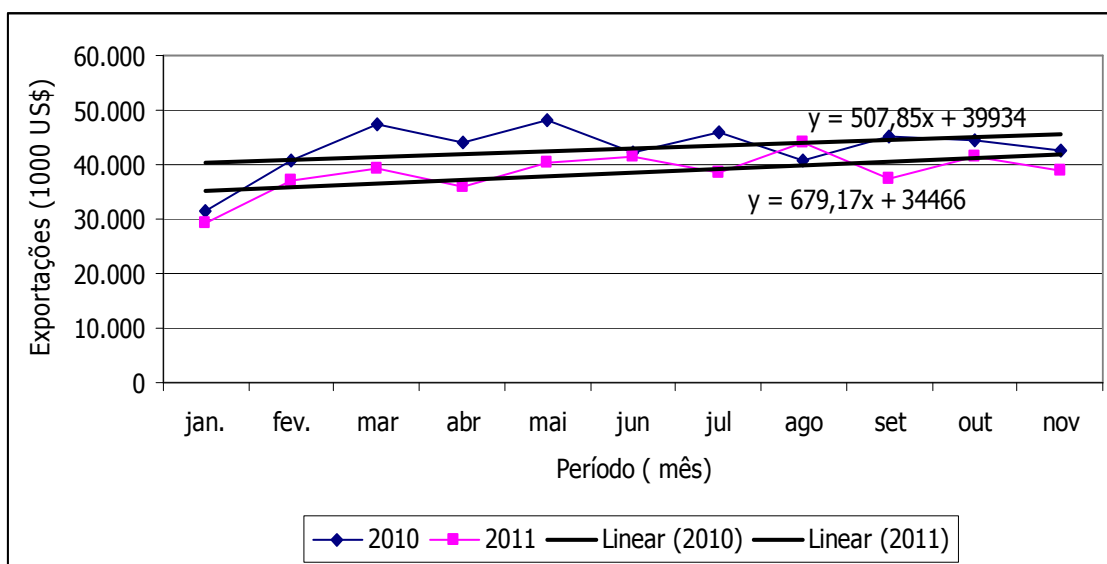
A conjuntura do setor moveleiro, neste mês de dezembro, reflete os acontecimentos macroeconômicos globais e nacionais, fortemente impactantes, ao longo de 2011. Os resultados têm sido diversos dos projetados no início do ano, uma vez que a previsão era de um cenário otimista para 2011 à semelhança do que vinha ocorrendo em 2010, quando o setor cresceu vigorosamente em torno de 15%.

Aparentemente, o setor moveleiro teve um desempenho positivo, porém, uma análise mais profunda revela que este ficou bem aquém do seu potencial e da trajetória de crescimento sustentado ao longo dos últimos 13 anos. "Este segmento tem aumentado o valor das suas exportações desde 1998. Em 2006, atingiu-se o pico, ao aproximar as vendas para o exterior em 1,0 bilhão de Euros, relata Vítor Poças - presidente da Associação das Indústrias de Madeira e Mobiliário (AIMMP). Nos anos seguintes, afirma Poças, as exportações baixaram de valor - em 2009, estavam nos 750 milhões. Por sua vez, em 2010, fecharam nos 850 milhões de Euros e, este ano, acredita-se que vão manter-se neste patamar.

Embora as exportações tenham se mantido numa linha ascendente ao longo do ano de 2011, de acordo com a Tabela 2 e Figura 6, essa sempre foi abaixo da ocorrida em 2010, grande parte em decorrência das condições adversas prevaletes

na economia - aumento das taxas de juros, crescimento das importações, valorização cambial e agravamento da crise da Europa e dos Estados Unidos nos últimos meses.

A perda de competitividade, em face da taxa cambial desfavorável, a falta de incentivos fiscais, beneficiando quase sempre indústrias concorrentes, principalmente as da chamada linha branca, estimulando a compra de eletrodomésticos, têm resultado em redução de consumo de móveis, interna e externamente. O país esperava por isso, mas não contava que os efeitos viessem a ser tão acentuados como se tem observado na economia em geral. No terceiro trimestre do ano, o crescimento do PIB nacional se aproximou de zero.



Fonte: MDCl, Elaborado pelos autores.

Figura 6 – Evolução do crescimento das exportações de móveis no período de janeiro a novembro de 2011

As exportações do setor, segundo dados do MDCl, Tabela 2, de janeiro a novembro de 2011, apresentaram uma tendência crescente, a uma taxa de 1,9% ao mês. Porém, em comparação com o ano de 2010, apresentaram-se, em todos os meses, em queda, exceto no mês de agosto, quando houve uma ligeira recuperação. A partir de setembro, as exportações mudaram de tendência crescente para decrescente com as reduções nas exportações, principalmente em decorrência do quadro recessivo mundial.

No acumulado de 2011, o Brasil exportou, aproximadamente, US\$419 milhões em móveis, um resultado 3% inferior ao obtido no mesmo período em 2010, de 430 milhões, aproximadamente.

Tabela 2 – Exportações e importações total de móveis no Período de Janeiro a Outubro de 2010 e 2011. Valores Expressos em 1000US\$ FOB

Meses	Exportação		Variação	Importação		Variação
	2010	2011	2011/2010	2010	2011	2011/2010
Jan.	31.377	29.297	-7%	236	837	254%
Fev.	40.670	37.020	-9%	709	991	39%
Mar.	47.249	39.407	-17%	840	1386	64%
Abr.	44.017	35.796	-19%	432	533	23%
Mai.	48.201	40.410	-16%	578	1.008	74%
Jun.	42.312	41.611	-2%	575	1.069	85%
Jul.	46.100	38.493	-16%	625	1.258	101%
Ago.	40.743	44.226	8%	821	3.273	298%
Set.	45.098	37.223	-18%	1.071	1.232	15%
Out.	44.584	41.477	-7%	1.679	2.202	31%
Nov.	42.439	38.995	-8%	874	1.495	71%
Total	430.451	418.088	-3%	8.440	15.284	81%

Fonte: MDCI Elaborada pelos autores

As importações de móveis apresentaram-se crescentes neste ano de 2011. De janeiro a novembro de 2011, essas somaram, aproximadamente, US\$15 milhões, 81% maiores do que as importações ocorridas em 2010, de US\$8 milhões. Embora apresentem um caráter flutuante, essas importações parecem constantes e devem se manter no futuro (Tabela 2). Tal quadro mostra a continuidade da perda de competitividade da indústria moveleira nacional e dificuldades do setor em atender segmentos da demanda interna.

O setor moveleiro encerra o ano de 2011, portanto, num quadro menos otimista do que começou. Com relação ao mercado externo, as previsões são definitivamente desanimadoras, haja vista o agravamento da crise internacional na Zona do Euro. A idéia de conquistar novos mercados fora da Zona do Euro, bem como a possibilidade de aumento eventual de competitividade do produto nacional, pode suprir parte da demanda atualmente em queda nos mercados tradicionais. Já com relação ao mercado interno, se o setor não receber a mesma atenção dada pelo governo a outros setores da economia, como por exemplo, a isenção do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), as previsões também não são otimistas. Caso o mercado interno consiga manter a demanda aquecida, em função do crescimento da indústria da construção civil e o crescimento da renda das classes emergentes, a situação pode ser mais favorável. O grande desafio para o setor para os anos futuros é



continuar inovando, reduzindo custos, e manter-se atraente principalmente para o consumidor interno que agora vê com bons olhos o produto importado.

Equipe Técnica do Centro de Inteligência em Florestas

Naisy Silva Soares – Economista, D.Sc. Ciência Florestal

Alberto Martins Rezende – Eng. Agrônomo, M.Sc. Economia Rural

Márcio Lopes da Silva – Eng. Florestal, D.Sc. Ciência Florestal

Altair Dias de Moura – Eng. Agrônomo, PhD. Agribusiness Management

* Permitida a reprodução desde que citada a fonte.